

Projeto pioneiro leva saúde até o doente

Katia Marsicano

Serviço pioneiro garante atendimento de doentes em casa como os médicos chineses de pés descalços, eles saem do Hospital Regional de Sobradinho bem cedo. A jornada é longa e todo tempo deve ser aproveitado. Cento e vinte pessoas doentes estão à sua espera. Pacientes crônicos que precisam de assistência tanto quanto os internados no hospital.

O médico é Walter Gaia e a auxiliar de enfermagem é Francelina Ferreira, dois pioneiros de um projeto inédito em Brasília que, apesar de experimental, já revela resultados animadores. O objetivo: tratar doentes crônicos em suas próprias casas.

Há dois meses em funcionamento, foi batizado de Serviço de Assistência Multiprofissional em Domicílio (Samed) e dispõe muito mais de boa vontade das pessoas do que infra-estrutura. É a "menina dos olhos" da pequena equipe e da direção do hospital.

Sem dificuldades, conquistou a Secretaria de Saúde e já chama a atenção do governo federal, que ensaiou interesse em investir no programa que, além de ser bom para os doentes, é melhor ainda para a rede hospitalar.

Solução — No HRS, por exemplo, existem 182 leitos, mui-

tos dos quais ocupados por pacientes há mais de 30 dias. "Nossa demanda chega a 700 internações/mês", diz Walter. A solução, nestes casos, é acomodar as pessoas da melhor forma, mesmo que seja em macas.

Casos de câncer, derrames, doenças endócrinas, de pele e Aids são as indicações para ter tratamento em casa. "O paciente não precisa ficar internado. Em casa ele recebe assistência e ainda fica junto à família", comenta Francelina.

Segundo o médico, outro aspecto importante é a humanização da relação com o doente. No hospital, não há tempo para conversar, ficar amigo. Saber como a pessoa vive, na sua opinião, também contribui para a recuperação.

Se não há dinheiro para remédio, quando falta uma cadeira de rodas, calças plásticas, lençóis e até roupas, a equipe tenta dar um jeitinho. "Pedindo, mesmo", admite Francelina. A assistente social Eliane Furtado tem papel importante na hora do sufoco.

Hoje, as visitas são feitas na Brasília azul do médico ou de ônibus e a maleta de remédios era de ferramentas. Mas se houvesse infra-estrutura, Walter garante que cerca de 200 pacientes poderiam ser incluídos no programa.



Boa vontade é a palavra-chave da auxiliar Francelina que sai todos os dias do Hospital de Sobradinho para atender doentes em casa

Médicos de Sobradinho repetem seus colegas chineses de pés descalços

"Ou a pomada ou o pão"

FOTOS: ERALDO PÉREZ



Ou a pomada ou o pão. Muitas vezes, dona Maria de Lourdes enfrentou o dilema, mas o medicamento do marido sempre foi mais importante. Seu Ivan, 58 anos, tem profundas úlceras pelo corpo, causadas pelo longo período de internação.

Depois do derrame cerebral, passou 18 dias na terapia intensiva e mais dois meses

no hospital. Não mexia um músculo. Em casa, 15 dias após a alta, começou a andar.

Na casa, o drama é triplo. Dona Maria sustenta 14 pessoas lavando ônibus da TCB das 23h30 às 7h30. Além de Ivan, cuida do pai de 80 anos, na cadeira de rodas, e da mãe, de 72, também vítima de derrame. Dormir para ela é luxo. Faz bonecas de pano, crochê e tricô para fora.

Um herói imobilizado



Na intenção de impedir um assalto, Luiz Carlos, 38 anos, está hoje imobilizado em cima de uma cama. Como companhia, a mulher Josenice, um rádio e a televisão. Tudo por causa do tiro, que fraturou-lhe o fêmur.

Passou 42 dias no hospital, teve embolia pulmonar e por isso precisa ser monitorado diariamente pelo médico e pela enfermeira.

Evitar hemorragias é fundamental. Continua engessado até a cintura.

O último exame de sangue foi feito pela equipe do Hospital de Sobradinho. Foi grata a eles e à ex-maletinha de ferramentas — hoje de medicamentos — que o material foi coletado. Como meio de transporte, Walter e Francelina usam a boa e companheira Brasília azul.

"Choro de alegria ao ver os dois"



Dona Ana, 71 anos, vítima de derrame, diabetes e com diagnóstico de infecção urinária, recebe diariamente a visita do médico e da enfermeira. Chora de alegria ao ver os dois. "A pressão dela sobe quando se emociona", diz Francelina.

Presa a uma cama, na casa da filha Terezinha, próxima à fábrica de cimento Fercal,

a velhinha foi adotada pela equipe do hospital. Das fraldas descartáveis aos remédios não há medida para o esforço.

Dinheiro não impede nada. Sua cadeira de rodas, por exemplo, foi construída por um funcionário do HRS. Com paciência e muito carinho, os encontros são mais que consultas. Dona Ana ganhou dois amigos.



Na casa de dona Geralda, 54 anos, o médico e a enfermeira são recebidos pela família inteira reunida. Enquanto a mãe é examinada, as filhas Renata e Dircéia observam com preocupação. O marido Jair também não sai de perto.

Todos os dias, dona Geralda toma remédio para evitar sangramentos. Antes da última internação de 20 dias, teve derrame em

todas as articulações. Para agravar, é portadora de doença de Chagas, que atingiu o coração, e pneumonia.

Está na cadeira de rodas. Conversa pouco, mas demonstra o medo de ser internada novamente. O médico tranquiliza a família e lembra a radiografia que precisa ser feita. Para levar Geralda ao hospital, os vizinhos se cotizam para a corrida de táxi.